

anos 90

REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UFRGS

CONSELHO EDITORIAL PROVISÓRIO

Heloisa Jochims Reichel
Margaret Marchiori Bakos
René Ernaini Gertz
Silvia Regina Ferraz Petersen

CORRESPONDÊNCIA E ARTIGOS DEVEM SER ENVIADOS PARA:

ANOS 90

Curso de Pós-Graduação em História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Bento Gonçalves, 9500
Bloco 3, Prédio "A", sala 114
91540-000 Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Telefone: (051) 336-8399, ramais 6639 e 6861
FAX: (051) 336-3699

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

CAPA

Reprodução de detalhe de desenho em bico de pena, sem título, de *Nelson Jungbluth* doado para a *Aldeia Infantil Brasileira S.O.S.*, que gentilmente autorizou sua publicação.

PEDE-SE PERMUTA — ON DEMANDE ÉCHANGE — WE DEMAND EXCHANGE — SE PIDE PERMUTA

anos 90

Volume 1 • Nº 1 • Maio de 1993 • CPG em História da UFRGS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. A nova historiografia e o imaginário da República . . . <i>(José Murillo de Carvalho)</i>	11
2. A mulher e a família na historiografia latino-americana recente	23
<i>(Eni de Mesquita Samara)</i>	
3. El problema de los orígenes de los estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Rio de la Plata	49
<i>(José Carlos Chiaramonte)</i>	
4. Participación política, ciudadanía e historiografía argentina	85
<i>(Hilda Sabato)</i>	
5. Nuevos rumbos en la historia social argentina	103
<i>(Ricardo Falcón)</i>	
6. As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea	121
<i>(Luzia Margareth Rago)</i>	
7. Memória, ruínas e imaginação utópica: sobre algumas raízes românticas da modernidade no Brasil	145
<i>(Francisco Foot Hardman)</i>	

APRESENTAÇÃO

Publicar uma revista acadêmica de História costuma ser uma destas empresas muito sonhadas, raramente concretizadas e, quando tal, com uma trajetória muito intermitente. As razões dessas três características são demasiado conhecidas de todos nós que fazemos da história um prazer e um ofício. Mesmo assim, não é demais lembrar que as dificuldades de financiamento incidem diretamente na continuidade e na circulação das revistas e criam um espaço de tempo demasiado amplo entre o recebimento e a publicação dos originais. Isto descaracteriza uma das finalidades principais da divulgação científica através de periódicos, que é fazer chegar rapidamente aos interessados aquilo que constitui o “momento” da discussão histórica.

Pois apesar desta consciência e talvez mesmo por causa dela o CPG em História da UFRGS inicia, com este número, a publicação da revista “ANOS 90”.

O título não é casual: deseja expressar que a revista assume a transitoriedade acelerada de seu tempo. Uma década é um bom tempo para produzir uma revista. Depois, quem sabe, deve assumir outra forma e trajetória. Ou sumir, dando lugar a um outro veículo.

Anos noventa não é uma década qualquer. Se não fosse por mais nada, é a que vai encerrar o milênio.

Década de crise, anos de desencanto e ceticismo diante de uma racionalidade científico-tecnológica que não consegue responder aos temores mais imediatos das pessoas, sejam eles a AIDS, o desemprego ou a solidão. Na falta de utopias ou esperanças, prosperam fundamentalismos religiosos, jogos de azar, ultra-nacionalismos, separatismos e conflitos étnicos.

Os totens e os tabus, as angústias e as esperanças, as fobias e as manias se entrelaçam em uma uniformidade opressora que parece em tudo penetrar. Em um momento, o foco do interesse está nos

palestinos deportados, porque a televisão substitui por estas as imagens da fome na Somália. Logo a seguir eles também saem de cena, substituídos por novas imagens, as acusações de Pedro Collor contra seu irmão. Os cortes na vida real não obedecem a qualquer causalidade ou lógica de consequência, o presente se desvincula do passado e o tempo não é o tempo dos processos, das conjunturas, das histórias de vida ou dos instantes, mas o tempo da mídia. Há uma suposta “naturalidade” que acaba por resignar as pessoas à prepotência das instituições, do estado, da tecnologia, do capital ou das desigualdades, que aparecem como entes metafísicos acima dos homens e das mulheres e que os dominam desde e para sempre.

Na dimensão brasileira deste quadro, agrega-se a experiência de viver um modelo social excludente, produtor de miséria e violência geradas por uma política de acumulação e concentração de capital que exclui os cidadãos do mercado de trabalho e do consumo de bens materiais e culturais. As promessas de modernidade revelaram rapidamente sua face cínico-oportunista e a democratização e a conquista da cidadania são processos lentos e frustrados por todo o tipo de interesses individuais ou corporativos.

O que o historiador está pensando em um tempo como esse, no qual já se disse, aliás, que a história acabou? São estes anos perdidos para a historiografia? Há indicadores que não. Parece que a preocupação de tornar a história inteligível como uma construção e não como uma fatalidade é o grande tema dos historiadores destes anos. Com este conceito, há espaço para pensar o presente como um campo indicador não só de dominação, manipulação e destino, mas também como lugar de luta, resistência, transgressão, gestação de sonhos, desejos e utopias: como um leque imenso de possibilidades para os vários sujeitos historicamente constituídos.

A produção historiográfica experimenta uma grande vitalidade, muitos se interessam pelo conhecimento histórico, os cursos de história adquirem mais qualidade e os resultados do trabalho dos historiadores ganham espaço em revistas multidisciplinares.

“ANOS 90” quer participar e divulgar um pouco da feição deste momento.

Seu primeiro número tem características especiais, como um Conselho Editorial provisório e a publicação das comunicações de um

Seminário. Será o cartão de apresentação para constituir um Conselho Editorial de caráter nacional e estimular muitos colaboradores a que enviem seus trabalhos para o segundo número.

O seminário “Tendências Recentes da Historiografia” promovido pelo CPG em História da UFRGS com o apoio do CNPq e da FAPERGS, cujas comunicações aparecem publicadas a seguir, reuniu especialistas brasileiros e argentinos para discutirem esta temática em agosto de 1991.

José Murillo de Carvalho (IUPERJ, Rio de Janeiro) expõe a trajetória da produção de seu trabalho “A formação da alma”, sobre o imaginário republicano no Brasil, demonstrando como o estudo do imaginário se articula com as tendências marcantes da historiografia recente e analisando as questões metodológicas e heurísticas que um tal estudo coloca para o investigador.

Eni de Mesquita Samara (USP, São Paulo) trata da presença da mulher e da família na historiografia latino-americana, temática imprescindível para o entendimento de aspectos até agora encobertos na análise dos processos sociais. O público e o privado, a subordinação, o poder e a reversão da ordem, as relações e imagens familiares são algumas das perspectivas presentes nesta análise historiográfica.

José Carlos Chiaramonte (Instituto Emilio Ravignani, Universidad de Buenos Aires) repensa a partir do caso argentino um dos temas pontuais da historiografia latino-americana: as origens dos estados nacionais. Colocando em questão a sequência tradicional “nacionalidade-estado nacional-nação”, examina as várias facetas da relação entre uma determinada versão — no caso a história com vocação nacionalizadora — e o próprio momento e motivações no interior dos quais foi constituída.

Dentro do marco de tempo que vai do final do século XIX até a atualidade, Ricardo Falcón (CONICET, Universidad Nacional de Rosario) analisa a trajetória da história social argentina, dando especial destaque à renovação que experimentou desde os anos 80 a história dos trabalhadores, caracterizada pela definição de um campo próprio, pela ampliação das perspectivas analíticas, pela multiplicação dos sujeitos, abertura à interdisciplinariedade e pelo próprio tipo de relação que se estabeleceu entre o intelectual e o político.

Margareth Rago (UNICAMP, Campinas) mostra como Foucault também revoluciona a historiografia brasileira, não só porque a partir de seus trabalhos definiu-se um novo campo conceitual, como porque se alterou radicalmente a forma pela qual o historiador trabalha sua matéria. Ao percorrer a trajetória da influência foucaultiana na historiografia brasileira realiza também um vigoroso diálogo com a própria obra de Foucault e com outros autores a partir dos quais pode mostrar a especificidade da contribuição daquele autor ao pensamento histórico.

Crise de paradigmas, emergência de uma nova conjuntura de prática historiográfica sem polos hegemônicos quanto à vias, instrumentos e objetos permitem novas e significativas leituras do passado. Dentro deste perfil, Hilda Sabato (CONICET, Universidad de Buenos Aires) analisa, no que se refere a Argentina, as novas relações que se estabelecem entre história e ciência política, percorrendo o trajeto das interpretações que se construíram sobre o que hoje chamaríamos “relações entre sociedade civil e sistema político”.

Finalmente, em “Memórias, ruínas e imaginação utópica: sobre algumas raízes românticas da modernidade no Brasil” Francisco Foot Hardman (UNICAMP, Campinas) toma a literatura brasileira da virada do século como um campo de imagens e representações que expressa, muito antes da Semana de 1922, a trama da modernidade brasileira, os cruzamentos entre temporalidades e culturas distintas, messianismos românticos e maquinismos iluministas que foram esquecidos na história consagrada do modernismo no Brasil.

Atuaram como comentaristas dos trabalhos as professoras do CPG em História Heloisa Jochims Reichel, Céli Regina Jardim Pinto, Sandra Jatahy Pesavento, Luiza Helena Schmitz Kliemann e Sílvia Regina Ferraz Petersen.

Concluída esta introdução, a revista está pronta e “vai para o prelo”. O que parecia impossível acaba de acontecer e sensação é muito boa. Aos seus leitores, pois, a revista!

Porto Alegre, maio de 1993.

Silvia Regina Ferraz Petersen
Coordenadora do CPG em História